

Editorial

Este segundo volume do dossiê *O que podem a arte e a literatura frente à crise socioecológica?* dá sequência aos debates ecológicos a partir de um corpus de obras literárias em línguas portuguesa e francesa. Os textos deste volume reavaliam criticamente a centralidade do humano nos modos ocidentais de narrar a história e traçam os vínculos entre devastação, acumulação e perpetuação das desigualdades. A ênfase nos princípios éticos e políticos na leitura das obras e as reflexões teóricas que daí decorrem tornam o conjunto verdadeiramente *ecocrítico*, conforme o sentido que Stephanie Posthumus (2014) dá ao termo, já não mais evacuando o humano do texto literário para dar espaço à paisagem, mas pensando o humano e o não humano em conjunto. Sem se limitarem a fazer a crítica da vida tal como ela se impõe pelas instâncias de poder, as contribuições aqui reunidas se dedicam a imaginar outras maneiras de habitar a terra a partir da permeabilidade da criação artística à expressão de outras espécies. Assim, elas também participam de uma *ecopoética*, definida por Christine Marcandier (2024) como uma articulação dos modos pelos quais um texto se antecipa ao real ou o atualiza, na expressão da temporalidade ou no entrelaçamento entre relato e teoria, real e ficção. Em outras palavras, a ecopoética se interessa pelos modos como a literatura veicula e amplia os imaginários, medos e aspirações utópicas diante da situação do mundo, estabelecendo laços entre os ecossistemas e a teoria-criação.

Os vulcões nos convidam a adentrar no volume pelo estudo de uma obra contemporânea, brasileira, de autoria feminina. Em “A intrusão de gaia e o coro dos vulcões em *Krakatoa*, de Veronica Stigger”, Bárbara Lissa Campos (UFMG), apoiada em Walter Benjamin, integra reflexão histórica e projeção de imaginários de futuro. A partir da noção de “intrusão de Gaia”, proposta por Isabelle Stengers, a autora apresenta a tese de que “o despertar síncrono dos vulcões em *Krakatoa* não é meramente um evento distópico, mas a encenação literária dessa intrusão. O coro vulcânico, ao silenciar a palavra humana e impor sua própria linguagem de magma, performa o fim da ilusão moderna de controle.”



Na sequência, o artigo “Da humanização como fundamento da violência” problematiza a relação de domínio estabelecida pelos seres humanos sobre as demais formas de vida, analisando como a lógica de supremacia se manifesta e atinge, especialmente, grupos historicamente marginalizados, como negros, indígenas, mulheres e a população LGBTQIAPN+. Os autores Lucas Anderson Neves de Melo (UFPI) e Alcione Corrêa Alves (UFRR) argumentam que a compreensão desse domínio deve ser realizada por intermédio das violências sociais que o sustentam, evidenciando, assim, seu papel no fortalecimento dos efeitos do Antropoceno e da Colonialidade do Poder. Como contraponto a essa dinâmica destrutiva e violenta, os autores propõem o pensamento ecoamefricano como medida “integradora e integrativa” capaz de promover formas mais plurais, relacionais e sustentáveis de coexistência entre humanos e não humanos.

Mateus Nascimento Rodrigues e José Wanderson Lima Torres (UFPI), em “A mercantilização da escassez: uma leitura ecocrítica dos desdobramentos distópicos no conto *The Tamarisk Hunter*, de Paolo Bacigalupi”, analisam como a configuração especulativa de um conto distópico “enseja uma crítica às consequências do modelo de apropriação e dominação capitalista nas esferas humanas e ambientais”. A crítica da obra estadunidense concentra-se sobre as consequências ecológicas da apropriação dos recursos naturais pelo Estado a fim de garantir seu valor de mercadoria.

Deixando as distopias pelas alternativas de futuro, Aïcha Alouah (Universidade Mohamed V, Rabat, Marrocos) explora a noção de desaceleração em “*Ralentir le monde : critique de la modernité et conscience écologique dans Les Tribulations du dernier Sijilmassi de Fouad Laroui*” (Desacelerar o mundo: crítica da modernidade e consciência ecológica em *As tribulações do último Sijilmassi*, de Fouad Laroui). A análise concentra-se na recuperação de tradições autóctones pelo protagonista, que rejeita o uso do avião e escolhe viajar a pé. Apresenta-se uma reflexão sobre o retorno a um tempo lento, conforme os limites do corpo, e as contradições inerentes às escolhas utópicas. O resgate da herança árabe e a relação do personagem com a língua e a cultura configuram a temática da reconquista existencial por uma ecologia do sentido.

Os discentes da UFRN: Pedro José Garcia de Menezes, Andressa Freitas dos Santos, Nara Mendonça de Assis e Katia Aily Franco de Camargo em “Imaginando mundos outros: a crise socioecológica negra no universo de *Pet*, de Akwaeke Emezi”, dão sequência ao interesse sobre a ficção prospectiva, apontando as contradições entre projeções utópicas de uma sociedade reconciliada e a persistência de fraturas históricas sob um tecido social aparentemente apaziguado. Os autores se dedicam ao estudo da obra com ênfase nas discussões sobre memória e esquecimento, integrando a ecocrítica a uma perspectiva decolonial.

Se a ficção parece ser a manifestação literária mais apreciada pelas humanidades ecológicas, a poesia ganha seu espaço neste dossiê temático com a contribuição de Rafaela Scardino (UFES): “Criar com outras espécies: vozes mais que humanas na escrita de Marília Floôr Kosby”. Discutindo a noção do comum a partir de Anna Tsing, Donna Haraway e Silvia Federici, a autora participa dos debates teóricos atuais em torno do multiespecismo, apoiando-se na maneira como ele integra a criação literária em Kosby.

Se este dossiê se abriu com um coro vulcânico, ele se encerra com a resposta do corpo humano aos sons e ritmos da natureza. A conclusão faz as vezes de abertura, convidando outras artes ao debate ecocrítico. O artigo de Julie Debellis (CNSMDP), “*Penser la crise socioécologique depuis les études en danse : Panorama d’une praxis transformatrice vers une esthétique de la relation*” (Pensar a crise socioecológica a partir dos estudos da dança: panorama de uma práxis transformativa para uma estética da relação), integra este dossiê a outras manifestações

artísticas que guardam sua relação com o relato e a poesia: mais particularmente, a dança. Com ênfase no mundo sensível e da imersão do corpo-dançante na floresta, compondo com a floresta e a partir dela, a autora ativa discussões da maior atualidade no campo da ecologia, numa busca por uma estética da relação, “aumentando” o humano (que se torna *terreno*) pela busca da alteridade. Guia a autora a discussão da tradução do termo *more than human*, introduzido por Mélanie Kloetzel (2023).

Desejamos, com mais este conjunto de contribuições, reforçar a proposta do nosso primeiro volume de favorecer a inserção dos estudos literários em uma perspectiva ecológica, integrando responsabilidade científica e compromisso com a vida na Terra. Mais ainda, reforçar a eficácia da potência imaginativa da literatura em intervir no real. Como sintetiza Marcandier (2024) a respeito da eco-poética, trata-se de enxertar a teoria na experiência, num encontro entre humanidades e ciências da terra. Ao privilegiar o transversal, escutar vozes tanto tempo ignoradas, descentrar o olhar, contar os vínculos dos humanos entre si e deles com o mundo, a literatura e a reflexão eco-poética apresentam-se como espaços para a construção de caminhos de vida em meio às aflições climáticas. Assim, acolhe-se a experiência do corpo que caminha sobre a terra, e que cria, na experiência do corpo que reflete sobre a sua finitude, de modo que a fúria civilizatória de um Gilgamesh, ou aquela do Orlando de Ariosto frustrado em seus desejos, não sejam a única resposta à descoberta dos limites da vontade humana.

Boa leitura!

As editoras,

Elisa Maria Amorim Vieira (UFMG)
Lia Araujo Miranda de Lima (UFMG)
Ivana Teixeira Gund (UNEB)

Referências

POSTHUMUS, Stéphanie. Écocritique et ecocriticism. Repenser le personnage écologique. *Cahiers Figura*, n. 36, p. 15-33, 2014.

MARCANDIER, Christine. Introduction. In: MARCANDIER, Christine. L'Écopoétique. Presses universitaires de Vincennes, 2024. p.5-12. Disponível em: <https://shs.cairn.info/l-ecopoetique--9782379245046?lang=fr>. Acesso em: jun. 2026.